

# OS OLHOS

CLÁUDIA SOUSA PEREIRA \*

Sendo um romance de Amor, NOME DE GUERRA é acima de tudo uma obra sobre a aprendizagem da própria existência de um homem, espartilhado entre duas consciências: a sua e a dos outros.

Antunes vem à capital para aprender a ser um homem, mandado pelo seu tio que encarrega D. Jorge, um homem a sério, de o pôr "pronto a funcionar". Implicando esta transformação uma passagem pela experiência daquilo a que todos chamam, imprecisa e geralmente, Amor, é através do contacto com esse Amor que Antunes vai aprender a caminhar pela sua própria realidade, aprender a "ver ao longe".

*"Ver ao longe é um dom especial de certas pessoas, sobretudo daquelas que não é pelas realidades albeias que caminham".* (p. 214)

Desde criança que o mundo tentava entrar-lhe pelos olhos. Já então essa realidade imposta-lhe parecia insuportável. Um dia, o tio

*"Meteu os olhos pelos dela a dentro e, claro, a criança perdeu a confiança e desatou num berreiro.*

*Mas quem poderá ver uma coisa onde é outra a que lá se quer ver?"* (p.45)

Se a sua consciência se rege pelo que é verdadeiro, pois Antunes "amava a verdade", a sociedade parecia insistir em traçar-lhe um destino cujos caminhos ele ainda não escolhera. E, perante essa encruzilhada na Terra que

*"é até onde vem tudo o que se vê das estrelas"* (p. 203)

Antunes *"toma o partido destas"* (p. 213)

O fim do Amor-Paixão vivido com Judite — intenso e breve — e o fim do compromisso, assumido pelos seus pais, com Maria, a noiva da província, que se dá com a morte desta, vão libertar Antunes para completar a construção da sua própria realidade; ele é, no final do romance, um herói, novo e diferente dos que habitualmente conhecemos, que conquistou para si uma existência própria. Desse percurso de aprendizagem ficaram

referências, imagens, não todas as que foram vistas por Antunes, mas aquelas que os olhos da sua memória selecionaram.

Deste facto dá-se conta Antunes, no momento em que Judite começa a "passar-lhe". Ela é para ele, nesse momento, a sua realidade, aquilo que vê. E a descrição dessa realidade lembra o que é dito no capítulo 2.

*"O autor destas páginas também desenha, e não sabe expressar por palavras a extraordinária impressão que recebe sempre que copia o perfil de qualquer pessoa"* (p.31)

como se, modelando ou descrevendo uma estátua se pudesse descrever alguém, isto é expressar a impressão de uma realidade.

Tal como Antunes começa a conhecer a verdadeira Judite e a descobrir os seus defeitos, assim cresce a sua vontade de transformar essa realidade. "mutilando" o corpo de Judite como o de uma estátua. A imagem de Judite é a própria personalidade de Judite, que evolui ao longo da obra através dos olhos de Antunes, como se este fosse, no romance, os olhos e

mãos do autor "pintando" um perfil em horas diferentes do dia, que é como quem diz, das vidas de Antunes e Judite.

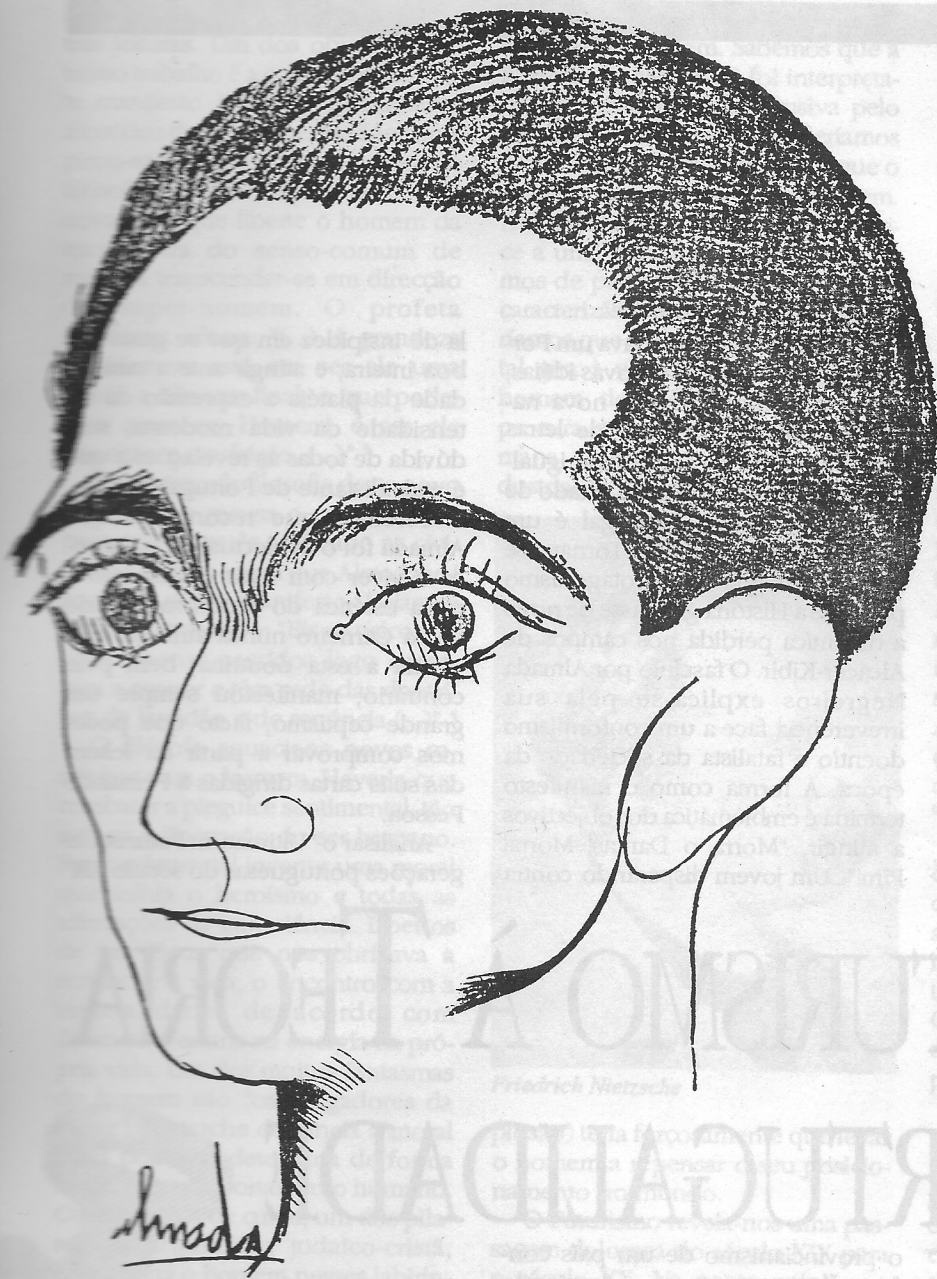
No capítulo 38, Antunes começa por comparar Judite com as suas companheiras, durante um jantar que ele próprio oferece. Pela sua "presença mais verdadeira", Judite sai vitoriosa. Mas, o "já não tão principiante" Antunes compara também esta Judite com a primeira Judite, a que conheceu quando chegou à capital. Por fora e por dentro ela mudou, como mudou a maneira de Antunes ver a realidade. e a realidade é também a Judite, agora que ela já marcou a sua vida.

*"A realidade, sendo de facto o que já existe feito, não deixa por isso de ser quase sempre um empecilho. Em vez de passagem é muro, não se pode transpor sem agilidade".* (p.214)

Para transpor essa realidade chamada Judite, Antunes gostaria de poder remodelar a sua figura, como se fosse

# ALMADA

A propósito do capítulo 38 de NOME DE GUERRA intitulado "Os olhos da nossa memória vêm melhor do que os nossos".<sup>1</sup>



essa a maneira agil de remodelar o seu interior. Reconhece, no entanto, que o melhor a fazer será guardar, tanto quanto possível, as melhores imagens, as recolhidas pelos "olhos da memória",

*"Ele contentava-se que Judite lhe ficasse apenas uma lembrança das boas, mas muito escondida".* (p.145)

esses olhos que também só tornam a ver em caso de perigo, armazenando até ao momento certo as imagens que, de novo projectadas, alertem os "nossos olhos", evitando as "ilusões". Essas imagens que são como fotografias guardadas na memória, como aquelas que o protagonista fazia com

a imaginação (cap. 21)

*"O Antunes ficava na interrogação, não sabia se amava. Havia duas imagens que assomavam à superfície quando ele pensava em amor. (...) Uma estava vestida e nua a outra. (...) Mas esta sua visão era apenas a fotografia da sua própria impaciência, e as personagens correspondiam paralelamente às desordens da sua cabeça, do seu coração e da sua vida inteira. De modo que tudo o que Antunes ficou sabendo foi que tinha uma grande curiosidade de saber a verdade".* (pp. 82-83)

Os "olhos da memória" ajudá-lo-ão a rever a verdade, essa que ele

aprendeu ao longo dos episódios da sua vida, que constituem este romance.

A impotência do olhar de Antunes, de tudo o que é visto por todos, todo esse universo do visível está superiormente presente em NOME DE GUERRA. Tal como diz Antônio Alçada Baptista no estudo introdutório desta edição:

*"Almada Negreiros nasceu com a consciência de que as harmonias imediatas são inerentes ao olhar de qualquer ser humano".* (p.11)

O olhar com que Antunes percorre o corpo de Judite descobre exactamente as "monstruosidades" que contém. Fisicamente Judite começa também a degradar-se. E, até os seus olhos, revelam essa mudança disfórica.

*"os seus olhos míopes não davam o encanto que prometiam".* (p.144)

Os olhos de Judite vão eles próprios reflectir a visão desencantada de Antunes.

Porque a memória tem melhores olhos do que nós, há que guardar imagens, juntar-lhe outras imagens mais recentes, sem as substituir, como um quadro novo de um pintor, que vem enriquecer a sua obra, sem substituir os quadros já existentes. A solução não é mutilar uma obra mal feita, mas recordar-lhe os pontos melhores, ainda que poucos — como Judite e Maria que ajudaram Antunes a descobrir a verdade, não se substituindo uma à outra. Ambas passaram pela sua vida, Antunes passou pelas suas vidas.

E, porque não nos devemos "meter na vida alheia", com riscos de por lá ficar, é com as imagens dessas passagens que devemos ficar. São elas, na nossa memória, que nos levam a conhecer o nosso passado "como ninguém", a enfrentar o futuro sem medo de viver.

As imagens que ficaram deste percurso iniciático da vida de Antunes são os troféus que ele trouxe dos obstáculos e provas que teve de passar para aprender a (con)viver com a sua própria consciência. □

\* Universidade de Évora — Dep. Lingüística e Literaturas

(1) José de ALMADA NEGREIROS, 1938, *Obras Completas*, vol II, Biblioteca de Autores Portugueses, I.N.C.M., 2ª edição, Lisboa, 1992, pp 143-146.